

CONSOLATIO: UM “CLÁSSICO” E OS PRIMEIROS PASSOS NA FILOSOFIA

Cristiane Pieterzack*

Resumo: O projeto filosófico de Severino Boécio na *De Philosophiae Consolatione*, obra com traços autobiográficos, visa esclarecer qual é a relação entre o conhecimento do mundo, a orientação moral e os eventos da vida pessoal, consistindo-se numa obra que permite contemporaneamente visualizar o mundo conceitual que lhe é próprio e aproximá-la de outros temas, outros mundos, abertos ao longo da história da filosofia. O presente artigo registra a experiência de um grupo de estudantes de filosofia que releu *De Philosophiae Consolatione* à luz de seus outros estudos resultando numa original percepção deste clássico da filosofia bem como num válido exercício de confronto, questionamento e verificação da mais variadas influências e confluências.

Palavras-chave: *Consolatio, convium, philosophiae*

Consolatio. Un «classico» e i primi passi in filosofia

Riassunto: Il progetto filosofico di Severino Boezio in *De Philosophiae Consolatione*, opera con tracce autobiografiche, mira a chiarire il rapporto tra la conoscenza del mondo, l'orientamento morale e gli eventi della vita personale, risultando un'opera che consente al contempo la visualizzazione del mondo concettuale suo proprio e l'avvicinamento ad altri temi, altri mondi, aperti lungo la storia della filosofia. Il presente articolo riporta l'esperienza di un gruppo di studenti di filosofia che prova a rileggere la *De Philosophiae Consolatione* alla luce dei suoi altri studi, ottenendo come risultato una percezione originale di questo classico della filosofia e un prezioso esercizio di accostamento, discussione e verifica delle più variegata influenze e confluenze.

Palavras-chave: *Consolatio, convium, philosophiae*

*Quos vides sedere celsos solii culmine reges
Purpura claros nitente, saeptos tristibus armis
Ore torvo comminantes, rabie cordis anhelos
Detrahate si quis superbis vani tegmina cultus
Iam videbit intus artas dominos ferre catenas.*

Esses reis altivos que vêm assentados no alto de seus tronos
Brilhantes de púrpura, cercados de armas nefastas
Proferindo ameaças com o semblante turvo, exalando raiva de seu coração
Se esses soberbos se virem despojados de seu esplendor vazio
Deixarão aparecer, esses senhores, as correntes que os prendem e que eles trazem dentro de si¹.

* Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. E-mail: ir-cris@hotmail.com

¹ S. BOEZIO, *La consolazione della filosofia* II, 5.

Introdução

O encontro com os clássicos pode acontecer de variados modos, mas não certamente, de forma completamente casual. Me pergunto sobre o nível de interesse e de oportunidade de acesso aos mesmos. Imagino que também o confronto com a alteridade do texto, mesmo do texto clássico, seja uma forma de evitar a “violência do mesmo”: nenhuma atitude intelectual (e ética!) é possível sem um mínimo de aproximação; se o dar-se de um entrecruzamento pode ocorrer, é já diante dos nossos olhos que ocorre. Não podemos nos retirar para “fora” do lugar onde estamos mais próximos, a encruzilhada.

A fim de elucidar esta ideia, descreverei brevemente uma experiência de leitura dos clássicos proposta a um grupo de estudantes. Obviamente, uma descrição deste gênero resulta circunscrita à experiência mesma, portanto, se peca de profundidade, mas, se não outro, serve para elucidar a nós mesmos o exercício realizado.

Quero ainda ressaltar que se trata de uma experiência feita durante todo um semestre acadêmico no qual se propôs aos estudantes do bacharelado², a leitura de uma obra clássica, precisamente *A consolação da filosofia* (*De Philosophiae Consolatione*), de Severino Boécio. Para tanto os estudantes deveriam seguir uma simples metodologia: ler diretamente o texto e procurar relações do mesmo com outros textos ou argumentos com os quais haviam tido ou estavam tendo contato, com cursos já frequentados ou em andamento, mas sobretudo com a própria experiência de vida (*De Philosophiae Consolatione* permite este tipo de aproximação). Com isso, veio à tona também o fato de que para os antigos gregos – ao menos a partir de Sócrates – não existia, por força de ordem, uma incompatibilidade entre visão de mundo e posição existencial. Com esta proposta, os estudantes foram imediatamente remetidos ao fenômeno histórico e cultural da filosofia antiga na passagem para a Idade Média e ao mesmo tempo foram estimulados a considerar o próprio percurso filosófico realizado até então.

² Corso FM1000, cf. Facoltà di Filosofia. Pontificia Università Gregoriana. Programma degli studi 2018-2019, p.27.

Sobre a *Consolatio*

Sobre obra *A consolação da filosofia* costuma-se dizer que a mesma “não ensina filosofia, mas a filosofar”. Sem dúvida é um clichê. Todavia, no dizer dos alunos, *A consolação da filosofia* é um texto com o qual é preciso “com-viver” por um certo tempo mais que simplesmente estudar os conceitos nela presentes. Isto porque com esta obra clássica é possível de fato dialogar, apelar outros autores e evidenciar temas de importância para a existência pessoal. Além do mais, a escolha foi sintomática, pois o próprio Boécio não ambicionava que a sua obra substituísse a leitura do que para ele eram os clássicos (Platão, Aristóteles, Porfírio, Cícero entre outros), mas que servisse de “mediação” para os contemporâneos, ou seja, os romanos que já não tinham mais acesso direto à literatura grega. Aliás, a própria “deusa Filosofia”, personagem principal da obra, se serve de todas as mediações possíveis para ministrar seus ensinamentos. Nós, porém, não nos deteremos nas imagens literárias nem nas poesias que intercalam o texto em prosa, pois as mesmas merecem uma análise à parte.

Boécio viveu entre os anos 480 e 525 d.C. em Pavia/Itália. Escreveu, obviamente, em latim, mas conhecia perfeitamente a língua grega, o que lhe permitira uma abordagem mais direta dos filósofos gregos, sobretudo de Platão e de Aristóteles. Traduziu e comentou *Categorias*, *Sobre a interpretação*, *Analíticos primeiros* e *Analíticos segundos* e *Tópicos*. Seu projeto editorial – inacabado por sinal – também contemplava as principais obras platônicas. Ele, de fato, havia previsto a tradução de Platão para confrontá-lo com Aristóteles e assim poder mostrar a compatibilidade entre os dois filósofos – ao menos esta era a sua tese – no que se refere aos temas essenciais da filosofia³.

Às vezes tem-se a sensação de que a *Consolatio* é uma obra com as mesmas características da literatura cristã dos primeiros séculos. De fato, encontram-se aí termos que hoje parecem terem sempre pertencido ao vocabulário cristão. Mas é improvável que tal aproximação, se existe, tenha sido feita de modo consciente por parte de Boécio. É mais provável o contrário, isto é,

³ Empresa que ainda hoje empenha um bom número de filósofos. Recordo, por exemplo, a tentativa de C. Fabro de entender a relação entre a “participação” platônica e a “analogia” aristotélica e mais recentemente o livro *Aristotele interprete di Platone: anima e cosmo* de L. Palpacelli, da escola de Macerata. Todavia Platão e Aristóteles não são as únicas fontes de Boécio. Mas este assunto merece um estudo à parte. De modo geral podemos afirmar que, ao que tudo indica, Boécio bebeu abundantemente das teorias neoplatônicas frequentando as escolas de Atenas ou Alexandria – ou talvez as duas, não se sabe ao certo – de Proclo, de Amônio e sobretudo de Plotino, mas também de autores latinos como Cícero e Sêneca

que tenha sido o cristianismo a fazer uso do mesmo léxico ao qual Boécio atingia, a saber, o vocabulário helênico e latino.

Segundo Christine Mohrmann, *A consolação da filosofia* tem direito ao título de clássico “pelo modo como conservou elementos essenciais da cultura filosófica da Antiguidade clássica, pelo seu valor espiritual (...) e pela sua influência no pensamento medieval” (MOHRMANN, 2018, p.11. Tradução minha). De fato, *A consolação da filosofia* contém, em germe, muitos dos principais temas, problemas e figuras que aparecerão na Alta Idade Média, como por exemplo: o livre arbítrio, a natureza da verdadeira felicidade, a *providentia* divina e a busca pela verdade através do conhecimento *noético* o imediato.

Boécio sofrera diversas acusações, algumas chegam a ser bizarras. A verdadeira razão da sua prisão, no entanto, era de cunho político. Este elemento biográfico é importante para a leitura de seu texto. De posse desta informação, o texto de Boécio deixa de ser ao nosso horizonte um texto simplesmente especulativo, e passa a ser uma defesa do motivo ao qual ele havia consagrado sua existência no momento da suspensão da existência mesma. Talvez Boécio tentasse justificar, para si e para seus contemporâneos, que sempre faz sentido buscar a sabedoria mesmo na proximidade da morte, de alguém ou sua própria. Na verdade, pessoalmente penso ser este o tema central do seu trabalho. A morte é a única realidade não sujeita à mudança e, portanto, pode servir de parâmetro seguro para a interpretação do mundo.

A consolação da filosofia não é um texto impactante. É um texto que não perturba a sensibilidade nem dos pagãos nem dos cristãos, seus potenciais leitores. É um trabalho livre deste ponto de vista, embora pertença ao elenco de “livros de cativo” ou “cadernos de cárcere” como muitos outros na história. Não se deve esperar tampouco um “elogio” do consolo. A ideia de “consolação”, na verdade, se aproxima da ideia de cura e é um instrumento retórico para o tratamento dos principais problemas a serem desenvolvidos na obra. Tenho também a impressão que é aceitável a tese de que *A consolação da filosofia* de Boécio reproduz o estilo literário conhecido como “protrético” (cf. COURCELLE, 1967, p. 18; cf. MOHRMANN, 2018, p.17), ou seja, uma exortação (προτρεπτικός) – em claro reenvio a Aristóteles e ao seu homônimo *Protrético*⁴ – uma “pro-moção”, um “apelo”.

⁴ “Os poetas dizem, com razão, que ‘o *nous* é o deus em nós’ e que ‘a vida humana preserva alguma parte de um deus em si’. É preciso, portanto, filosofar, ou deixar esta vida e partir daqui; porque tudo o mais aparece apenas uma tagarelice sem sentido e um rumor vago” (*Protrético*, B110). Deve-se filosofar ou não se deve? Mas até mesmo a decisão de não filosofar é já filosofar; em qualquer caso filosofar é necessário (cf. *Protrético*, B06).

A aproximação ao *Protréptico* de Aristóteles pode parecer inapropriada se se considera o fato que na *Exortação à Filosofia* de Aristóteles a filosofia entendida como pesquisa puramente teórica referente aos princípios supremos, e Boécio, por sua vez, ultrapassa esse limite. Porém, se se considera a obra de Aristóteles como um todo, vê-se a presença de alguns argumentos posteriormente revisitados por Boécio, a saber: que a felicidade consiste não em ter, mas em ser; que o modo melhor da alma realizar sua natureza é a sabedoria e que a aquisição da mesma requer uma adequada educação ou formação. Portanto, ao que tudo indica, na *Exortação à Filosofia*, Aristóteles usa o conceito de filosofia de modo muito genérico ou complexo, segundo a perspectiva da abordagem multifocal⁵.

Quanto a sua estrutura, *A consolação da filosofia* é composta de cinco livros relacionados entre si, pois existem alguns elementos que os mantêm unidos, mas não estritamente vinculados. Portanto, é uma obra que pode ser examinada tanto na sua totalidade quanto em partes separadas, sem que se perca nada das particularidades de cada capítulo nem da compressão da obra inteira.

O primeiro capítulo narra a infelicidade de Boécio causada pela sua má sorte, em evidente contradição com a ordem cósmica a qual, não sendo sujeita à “roda da sorte” permanece inalterada. Nesse ponto, o livro assume traços de uma teodiceia: como é possível que Deus permita a um inocente ser injustiçado? No segundo livro aparece o tema da memória como caminho para a reflexão. No final deste livro e início do terceiro livro, temos um exame crítico dos bens ou objetos de desejo dos homens a fim de obter a felicidade: “O objetivo é mostrar que os homens, justamente e por natureza, desejam a felicidade, mas os bens nos quais a procuram, não são capazes de oferecê-la, portanto é necessário procurar em outra direção” (ZAMBON, 2011, p.30. Tradução minha). Ao longo do terceiro livro, além da questão do bem e do mal, ou mais precisamente, da distribuição aparentemente injusta do bem e do mal entre os homens bons e os homens maus, se retoma o tema da felicidade que segue em grandes linhas os livros I e X da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. No livro quatro, Boécio discorre sobre o

⁵ Prova disso é a imagem da veste que envolve a deusa Filosofia, composta pela união de dois mantos, o da teoria (representada pelo Θ) e o da prática (representada pelo Π), e que a deus lamenta o fato de terem sido rasgadas ao meio pelos filósofos em suas disputas sobre o que é essencial, se a teoria ou a prática. A descrição da imagem é de rara beleza: “As suas vestes eram tecidas, com fino senso artístico, por fios sutis de uma matéria incorruptível; fiquei sabendo, da sua própria boca, que tinha sido ela mesma a confeccioná-las com suas próprias mãos (...). Na borda inferior do vestido estava bordado o Π grego, e na borda superior o Θ e entre as duas letras, estavam desenhados uma escada e os degraus por meio dos quais era possível transitar de uma letra à outra. A veste, no entanto, parecia ter sido rasgada por mãos violentas, que tinham levando embora vários pedaços da mesma” (BOÉCIO, 2018, 71. Tradução minha). Todas as demais traduções de Boécio são minha responsabilidade.

tema da providência divina que prevede a imortalidade da alma e, portanto, da felicidade eterna, verdadeira e livre das paixões. A consequência desta visão é a teoria de que o mal é privado de existência ontológica. Por fim, o livro cinco retoma, em certo sentido, o primeiro livro, falando do livre arbítrio e do acaso. Para Boécio, em questões humanas, o acaso não é observável. Cada evento humano pertence a uma série de outros eventos, isto é, possuem uma causa, bem que imprevista e desconhecida (cf. BOÉCIO, 2018, p.345). E para concluir, Boécio (2018, p.385. Tradução minha) distingue o modo de conhecer divino daquele humano, resolvendo de maneira convincente o problema da relação entre pré-ciência divina (*divinae notionis*) e livre-arbítrio: “Deus vê no presente as coisas que provêm da liberdade de decisão”.

Sobre o *convivium*

Prossigo agora com descrição da experiência. Gostaria de acrescentar que estava previsto um encontro semanal com cada estudante em particular para avaliar os avanços na leitura e partilhar as reflexões. Era o momento no qual o estudante tinha a oportunidade de falar a partir de si sobre a própria compreensão do texto. Posso dizer que as relações estabelecidas pelos estudantes entre o texto de Boécio e outros autores foram muito interessantes e fecundas do ponto de vista especulativo. Algumas mais inovadoras que outras, mas todas – a meu aviso – merecedoras de consideração. Proponho aqui algumas delas.

Alguns estudantes afirmaram que já no início do primeiro livro não puderam deixar de notar a profundidade espiritual de Boécio: através da personificação da Filosofia, o autor, na verdade, destaca a sua própria consciência completamente envolvida na dinâmica das emoções. Por isso, segundo o próprio autor, sentia forte a necessidade de recordar para encontrar certo equilíbrio e manter o controle emocional. Boécio insiste na utilidade de parar, reler com liberdade os eventos passados e confrontar-se com alguém que espelha objetivamente sua própria experiência. É o que ocorre no encontro com a deusa Filosofia. Esta, para por fim aos lamentos de Boécio, oferece o remédio apropriado⁶: a clarificação do olhar, da mente e dos sentimentos

⁶ Vale recordar que a concepção de filosofia como medicina para a alma humana, de inspiração estoico-platônica, foi revisitada recentemente pelo filósofo francês Pierre Hadot: “Segundo todas as escolas filosóficas [da antiguidade, C. P.], a principal causa de sofrimento, desordem e inconsciência do homem provêm das suas paixões: dos seus desejos desordenados, dos seus temores exagerados. O domínio exercido sobre o homem pelas

para que não ocorra com Boécio o mesmo que ocorre com aqueles que tem poder de colocar na prisão, mas que na verdade, estão presos interiormente. Eis o que exatamente aconteceu com o prisioneiro Boécio após a visita da deusa Filosofia: “Nada mudou nos fatos, tudo mudou no significado que Boécio lhes atribui. E nisto se cumpre a sua libertação” (ZAMBON, 2011, p.49. Tradução minha).

Pode-se notar também que, segundo Boécio, os elementos da memória e da realidade são como opostos ao poder da imaginação que, combinada com a força das emoções, distorce tanto a memória quanto a realidade objetiva: “Infelizmente, toda mudança imprevista das coisas (*subita mutatio rerum*) não acontece sem certa, por assim dizer, tempestade do espírito (BOÉCIO, 2018, p.119. Tradução minha). A relação entre a dinâmica interna do espírito e a memória nos remete à *Matéria e Memória* de Henri Bergson e à exaustiva obra de Paul Ricoeur, *A memória, a história e o esquecimento*. Boécio (2018, p.113) os precede ao afirmar que nem a memória nem a história escapam dos limites afetivos e emocionais: “Como se sabe, a natureza da mente é tal que, toda vez que abandona a verdade, se reveste de falsas opiniões, de onde provém a neve das paixões que confunde a reta visão das coisas”. Da mesma forma, podemos recordar o tratamento extensivo que Michel de Montaigne faz ao ligar o poder da imaginação⁷ – o “*fortis imaginatio generat casum*” de proveniência aristotélica – à criação do real e à necessidade de encontrar uma regra para a vida (cf. MONTAIGNE, 2009, p. 243).

Outra questão particularmente evidenciada foi o tema da sorte ou destino, que aos olhos de Boécio parece ser caracterizado pela injustiça. Daqui emerge a questão do mal e a sua injustificada presença em base ao pressuposto implícito e não expresso, mas comumente aceito, de que bem nos é devido. Deste ponto de vista, todo evento que está em contraste com nossa expectativa de bem ou felicidade, é interpretado como injustiça do destino em relação a nós. Obviamente, o tema da sorte e do destino permanece atrelado à época de Boécio. Todavia, uma chave de atualização da questão pode ser feita através do tema do livre arbítrio conforme aparece no final da obra.

Uma tal perspectiva que reflete sobre a “sorte” – “fortuna” na forma latina – deriva de uma sobreposição, própria do neoplatonismo, entre a ordem moral que regula as relações

preocupações o impede de viver na verdade. A filosofia aparece em primeiro lugar, então, como terapia das paixões” (HADOT, 2002, E-book. Tradução minha).

⁷ Recordamos que a noção de imagem/simulacro à qual Boécio faz referimento é retirada da tradição da teoria platônica das ideias, com a qual Platão situa a posição da realidade sensível em confronto com a posição do verdadeiro ser (cf. *A República*, VII, 514A-518E).

interpessoais e sociais formando um subconjunto, e a ordem da existência em geral, que é mais ampla que a primeira e a transcende. Ora, por um lado, sabemos que um todo não pode derivar seu significado de um subconjunto, pois este constitui apenas uma parte dele. Ao nos encontrarmos dentro desse subconjunto, podemos não podemos entender as regras deste, isto é, a lei moral, que segundo Kant encontramos dentro de nós, à todo o conjunto; da mesma forma, no que se refere ao conjunto geral, não podemos conhecer sua lógica (sempre assumindo que existe uma) e o modo como determina nossa existência. Consequentemente, não podemos julgar o que é ou não compatível com ele e, portanto, não nos é permitido estabelecer se alguma justiça é violada ou não. Precisamente por este motivo, a deusa Filosofia convida Boécio a refletir sobre o fato de que a má sorte faz parte da nossa existência tanto quanto o mundo ao nosso redor, assim como o inverno faz parte das estações, ou as tempestades do fluxo do mar. Daí a sugestão, de sabor estoico, dada pela Filosofia de não confiar no que está fora de nosso controle e que está sujeito à mudança, mas de confiar apenas no que temos pleno domínio, a saber, nossa razão. Graças a este fato, na visão boeciana, podemos também aceitar o destino mais adverso, entendendo que o sofrimento está intrinsecamente implicado em nossa existência.

Através da maiêutica, Boécio é de novo livre para escutar a deusa Filosofia que o convence da ambiguidade da “sorte”. A Filosofia então, passa a descrever a essência da verdadeira felicidade procedendo por *via negationis*, isto é, revendo todas as imagens ilusórias de felicidade (riqueza, poder, glória...) que distraia Boécio, até chegar à aspiração natural inerente ao verdadeiro bem que corresponde a um estado de perfeição entendido como a soma todos os bens⁸. No entanto, segundo a deusa Filosofia, os homens vislumbram a verdadeira felicidade “como um sonho”, distraídos que estão com seus falsos produtos. Ampliando um pouco a interpretação, pode-se também fazer referimento à ideia de *divertissement*, de Pascal, ou seja, da constante procura do homem por distrações para aliviar o peso da existência (cf. PASCAL, 1979, §139, p.71).

A Filosofia atribui esta distração à fragilidade dos critérios de avaliação usados pelos homens; de fato, os homens medem o bem com os critérios da alegria e do prazer (cf. BOÉCIO, 2018, p.183). “Resta compreender ainda (...) a derrubada das aparências nela mesma, a possibilidade da conversão que reorienta o desejo para a verdadeira felicidade, o conhecimento apenas para

⁸ Na investigação sobre a felicidade se misturam, na verdade, dois métodos de análise e descrição: inicialmente o procedimento seguido pela filosofia é típico da dialética platônica que procura purificar o campo temático eliminando as falsas opiniões e criando premissas para que a verdade se manifeste e represente na memória com a *via negationis*, procedimento usado, por exemplo, por Aristóteles no livro V da *Ética a Nicômaco* quando inicia a falar sobre a justiça partindo da disposição contrária (V 1, 1129a20).

a realidade, a liberdade para sua verdadeira fonte e seu único fim” (FUMAROLI, 1998, XXXIV). Portanto, tudo se joga em conhecer qual é o verdadeiro bem, único meio para se obter a felicidade. A resposta se encontra na noção de Deus como Sumo bem, Intellecto beato, *Ratio perpetua*, *Mens profunda*. Deus é, portanto, um Deus feliz e todo homem feliz é um deus. Essa reflexão a aberto a discussões, na Idade Media, sobre a visão beata (*visio beatifica*), da Alberto Magno a Tomás de Aquino que propunham o alcance da visão beata através do intelecto, em contraste com a proposta de Boaventura e Duns Scotto, segundo os quais chega-se à a visão beatífica percorrendo vias mais místicas, caracterizadas mais pela vontade e pelo amor que pelo *nous*, como pensava o próprio Boécio.

O texto da *Consolatio* também insiste na aparente contradição que Boécio parece encontrar no mundo, como por exemplo, o domínio da iniquidade sobre a virtude. A deusa Filosofia refuta tal aparência seguindo a visão clássica que separa os homens em bons e maus, em capazes e em desprezíveis: os primeiros sempre obtêm recompensas, os segundos, castigos, recordando que aquele que faz o mal também deixa de ser, na medida em que o mal coincide com o nada e está, portanto, em total impotência, em uma posição oposta ao divino e potente bem supremo. A recompensa, por sua vez, coincide com o fim da ação buscada e traz felicidade. Os ímpios, ao fazer o mal, já escolhem o castigo: a privação do ser. Privados de ser e afastados do bem, eles perdem a dignidade e, condenam-se à infelicidade. Os ímpios, então, encontram sua punição na própria maldade e, assim, o mal é reabsorvido estoicamente ao bem. Como se nota, a Filosofia subverte a aparente contradição inicial⁹. Além disso, Boécio antecipa um tema caro à psicologia, ou seja, a necessidade e a bondade da punição, que opera como uma “medicina”, contendo em certo sentido, a violência do mal, que atinge o autor em primeiro lugar. A psicologia reconhece o valor da punição ao atribuir-lhe a capacidade de manifestar à pessoa a relevância e o peso de sua ação.

A obra de Boécio deixa claro que há uma tensão universal para o bem. Por isso, quem falta ao bem se qualifica como fraco e mau, como quem não está de acordo com a virtude, mas indiscriminadamente de acordo com as paixões. A análise toca o mal intencional, que de acordo com a Filosofia custa ao homem sua própria natureza¹⁰, assemelhando-os às bestas. É interessante notar ainda a sutileza de Boécio ao afirmar que Deus, apesar de não aplicar um

⁹ Essa contradição sugere a combinação de poder e fraqueza – força de vontade – que aparece na obra *Vontade de Potência* de Nietzsche.

¹⁰ Nesta mesma linha, o argumento foi retomado por Pico della Mirandola no seu livro *A dignidade do homem*.

critério geral na distribuição de bens e infortúnios, favorece individualmente o crescimento da virtude.

Outro argumento recorrente na obra é a ignorância e a incapacidade de ver claramente o estado das coisas. O binômio “realidade e aparência” é tema central nesta obra. A solução proposta para a ignorância e a má interpretação da realidade é a “manifestação das causas”, de acordo com a concepção aristotélica de conhecimento. A realidade é de certo modo apresentada como a hierarquização de círculos concêntricos que recordam a estrutura do universo astronômico de Aristóteles, precisamente arranjado por esferas concêntricas que culminam na perfeição, na simplicidade e na mobilidade dos corpos, ou mesmo a teoria das emanções de Plotino ou ainda, as hierarquias angélicas propostas pelo Pseudo-Dionísio. Essa estrutura inteligível é bastante comum no neoplatonismo – não podemos deixar de recordar o movimento circular entorno ao um centro imóvel no *Timeu*, de Platão – aparecendo como um modelo estruturante também na visão boeciana.

Segundo Boécio, devemos reconhecer que esta estrutura inteligível representa o “melhor governo da criação”, uma expressão que lembra Leibniz e o “melhor dos mundos possíveis”, onde cada elemento se encaixa em um todo integrado e ordenado. Neste caso, como a Filosofia não se cansa de apontar, a presumida desordem encontrada no mundo nada mais é do que uma falsa impressão decorrente da ignorância das causas. Mas a “causalidade divina” parece não se adequar completamente nesse modelo. M. Zambon (cf. 2011, p.163) recorda uma expressão usada pela deusa Filosofia¹¹ que alude a uma particular concepção da causa primeira ou primeiro princípio na qual este é pensado contemporaneamente como realidade inteligível – a *forma* do bem – (cf. PLATÃO, *A República* VI 505 A; 508 E), e como uma realidade supra sensível que excede a esfera do ser em dignidade e potência¹².

Voltando ao texto de Boécio, gostaríamos de fazer uma última observação referente ao tema da liberdade humana, que parece estar em flagrante contradição com a onisciência divina: de fato, se Deus sabe o que acontecerá, isso necessariamente terá que acontecer, portanto a escolha humana parece estar condicionada e determinada na sua origem. Neste ponto, a solução idealizada por Boécio, solução que terá grande sucesso ao longo da Idade Média, baseia-se no

¹¹ Trata-se da expressão “*In unam veluti forma atque efficientiam colliguntur*” (BOÉCIO, 2018, 240).

¹² “ἐπέκεινα τῆς οὐσίας πρεσβεία καὶ δυνάμει” (PLATÃO, *A República* VI 509 B). Para aprofundar este tema enviamos ao capítulo 4 de *Por uma Sensibilidade além da Essência*: Lévinas interpela Platão, de Edvaldo Antonio de Melo.

expediente metodológico que talvez mais do que qualquer outro parece caracterizar toda a sua pesquisa: a mudança de perspectiva. Ele afirma, e nisso parece antecipar a revolução copernicana proposta por Kant, que o conhecimento não depende exclusivamente da coisa em si, mas também e acima de tudo da capacidade de quem a conhece. O homem conhece na temporalidade. Na perspectiva divina, o conhecimento não se dá temporalmente, mas cada evento está presente à vista de Deus em um único momento intemporal (*ab aeterno*). Portanto, não existe contradição entre a providência divina e a liberdade humana. A resolução deste problema representa a superação do determinismo, sobretudo do determinismo moral de matriz estoica, graças à releitura de Platão e Aristóteles operada por Boécio.

Enfim, após termos frequentado na imaginação a cela de Boécio e convivido com ele durante certo tempo de estudo e investigação, surge a seguinte questão: o que resta na consciência – “consciência trágica” que marca o início da conversão de Boécio – quando a liberdade é aparentemente perdida, quando a vingança não é mais possível, quando não há mais tempo para reparar o mal, quando a morte se aproxima? E assim, mesmo sem adentrar na questão posta, ressaltamos que a referida pergunta aponta para o sentido da obra boeciana: a *consolatio*. O que resta ao homem esperar senão a consolação? Trata-se de um tema tão antigo quanto atual, pois diz respeito à inquietante busca do ser homem pela felicidade.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2014.

_____. *Protrettico*. Milano: Mursia, 1976.

BOEZIO, Severino. *La consolazione della filosofia*. Milano: BUR, 2018.

COURCELLE, Pierre. *La consolation de Philosophie dans la tradition littéraire, Antécédent e Postérité de Boèce*. Paris: Études Augustiennes, 1967.

FUMAROLI, Marc. Prefácio. In: BOÉCIO. *A consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HADOT, Pierre. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 2002.

MELO, Edvaldo Antonio de. *Por uma Sensibilidade além da Essência: Lévinas interpela Platão*. Roma: Pontificia Università Gregoriana Press, 2018.

MOHRMANN, Christine. *La Consolatio Philosophiae* di Boezio. In: BOEZIO, S. *La consolazione della filosofia*. Milano: BUR, 2018.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais I*. Paris: Folio-Classique, 2009.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PLATAO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

ZAMBON, Marco. *La ricerca della felicità (Consolazione della Filosofia III)*. Venezia: Marsilio Editori, 2011.